

Governadores viram novo pesadelo para o PMDB

Das Sucursais e
Correspondentes

Dos 22 governadores eleitos em 1986 pelo PMDB, só 12 estão com os candidatos oficiais do partido, Ulysses Guimarães e Waldir Pires. Pior: vários deles apenas formalmente lhes dão seu apoio, mantendo os braços cruzados. Quanto aos demais, oscilam entre Collor e Brizola, dando como certo, apenas, que não ficarão com os nomes do partido.

Dos três governadores que deixaram o PMDB, apenas um acertou seu destino. É Moacir Andrade, o vice de Fernando Collor em Alagoas, que o seguiu ao PRN. Amazonino Mendes, do Amazonas, e Epitácio Cafeteira, do Maranhão, estudam o que fazer, mas não apoiarão Ulysses. E Antônio Carlos Valadares, de Sergipe, o único eleito pelo PFL, ignora a candidatura oficial de seu partido, a de Aureliano Chaves, podendo apoiar Collor.

Para Ulysses e Waldir, que contavam com a estrutura do PMDB, afinal o maior partido do País, a indefinição dos governadores constitui hoje o principal motivo de preocupação. Eles gostariam, é claro, que os governadores efetivamente arregacassem as mangas. Ao contrário, muitos deles mantêm-se em expectativa. É o caso, por exemplo, de Moreira Franco, do Rio de Janeiro. Apoiou Waldir na convenção, hoje se declara um militante engajado na campanha, mas pouco fez de concreto. Agora, culpa a falta de um programa pela falta de dinamismo do partido.

Ainda por cima, em vários estados o apoio do governador ameaça tornar-se contraproducente. No Espírito Santo, por exemplo, Max Mauro dá tudo pela chapa peemedebista, mas sua popularidade anda em queda livre. Isso foi confirmado pelos resultados das eleições de 1988, quando o PMDB foi literalmente escorraçado das prefeituras capixabas. Nenhum dos oito principais municípios do estado está hoje sob o controle do partido — e eles somam dois terços do eleitorado capixaba. O PMDB venceu em poucos municípios, todos de pequeno porte.

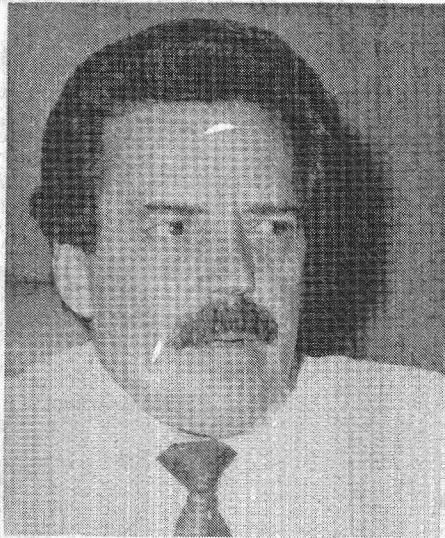
Em Minas Gerais, o governador Newton Cardoso, que trabalhou contra Ulysses na convenção do PMDB, diz agora que está firme ao lado do candidato do partido. Mas seu alto índice de impopularidade no estado dificilmente vai transferir votos para Ulysses em Minas, estado que ainda dividirá sua votação para Aureliano Chaves e dois vices mineiros: Itamar Franco, da chapa de Collor de Mello e Aluizio Pimenta, de Afif Domingos.

Na Bahia, aparentemente o candidato do PMDB está com tudo, porque tem na chapa o ex-governador Waldir Pires. Mas o novo governador, Nilo Coelho, vem adotando uma linha política diferenciada do seu antecessor e ninguém pode afirmar, com certeza, que ele vai entrar de corpo e alma na campanha peemedebista.

O Espírito Santo tem situação semelhante à de Minas: seu governador, Max Mauro, está com Ulysses, para valer. Mas transfere muita impopularidade ao candidato do PMDB.

No Acre, o governador Flaviano Melo apóia Ulysses, em quem votou na recente convenção peemedebista em Brasília. Além do governador, a maioria da cúpula do partido no Acre também está com Ulysses, inclusive o senador Nabor Junior, que preside o diretório regional do PMDB e deve coordenar a campanha no estado.

Na vizinha Rondônia, o governador Jerônimo Santana até agora não se posicionou por Ulysses, abertamente, mas seus assessores garantem esse apoio, alegando razões "históricas". A verdade, porém, é



Andrade (esq.), Cafeteira e Amazonino (dir.) têm um ponto em comum: não votam em Ulysses de forma alguma



Moreira (esq.) espera, Max apóia mas é acossado pela impopularidade e Nilo (dir.) se afasta de Waldir

que até agora nem o governador nem qualquer outra liderança peemedebista de Rondônia ainda colocou a campanha de Ulysses na rua. O clima político é de apatia.

O governador Hélio Gueiros, do Pará, ao contrário, já convocou os deputados do PMDB para saírem às ruas em apoio a Ulysses. Ele garante que, no Pará, "Ulysses não perde a eleição", embora negue que esteja pressionando os prefeitos do interior a aderirem à campanha.

No Amazonas, o governador Amazonino Mendes — eleito pelo PMDB e hoje no PDC — ainda não decidiu a quem vai apoiar para presidente da República. Ele pretendia apoiar Brizola, cujo aspirante a vice é Luiz Antônio Medeiros, seu conterrâneo de Eirunepe, no Amazonas. Depois, pensou em Collor de Mello, mas tanto Brizola quanto Collor já vetaram o uso das famosas motosserras, que Amazonino vem distribuindo no interior do estado. Se o governador, que é do PDC, desistir das motosserras, tanto poderá brizolar quanto collorir.

Por sua vez, o governador Miguel Arraes decidiu integrar-se à campanha de Ulysses, depois de ter trabalhado para Waldir Pires na convenção e de ter feito críticas ao próprio candidato. No próximo domingo, Arraes pretende realizar ato público pró-candidatura Ulysses no Centro de Convenções do Recife, com a presença do candidato do PMDB e de seu vice, Waldir Pires, como demonstração pública de

solidariedade com a candidatura peemedebista.

O governador da Paraíba, Tarcísio Burity, entretanto, está firme com a candidatura de Fernando Collor de Mello e já está estruturando o PRN no estado, com apoio de muitos prefeitos que até agora eram do PMDB ou de outros partidos. Com essa adesão, o PMDB paraibano perde sua principal estrela, que poderia ajudar Ulysses, já que a outra liderança do estado, a do prefeito de João Pessoa, Wilson Braga, está com Leonel Brizola.

Em Alagoas, como não poderia deixar de ser, o governador Moacir Andrade apóia a candidatura de seu antecessor no governo, Collor de Mello. O governador "arregaçou as mangas" e já conseguiu levar para o PRN 60 dos 97 prefeitos de Alagoas. O PMDB praticamente não existe mais no estado depois dessa adesão em massa.

Outro desfalque certo para a campanha de Ulysses será o governador do Ceará, Tasso Jereissati, que ainda é filiado ao PMDB. Mas ele já disse que não apoiará o candidato do partido. A sua preferência oscila entre Collor de Mello e o "tucano" Mário Covas. O governador não está sozinho: as bases cearenses do PMDB, consultadas, já disseram que preferem Collor de Mello.

No Rio de Janeiro, o governador Moreira Franco deu uma guinada política e, de contestador de Ulysses antes da conven-

ção, passou agora a declarar-se firme partidário de Ulysses. Mas continua reclamando a elaboração de um programa mínimo de governo com as propostas do PMDB, como mecanismo capaz de dinamizar a campanha de Ulysses.

O governador de Goiás, Henrique Santillo, tem idêntica disposição de apoiar o candidato do partido e já fez reunião com todos os prefeitos peemedebistas goianos e até dos que são do PL para trabalharem por Ulysses Guimarães. O governador marcou, para 1º de julho, a inauguração do comitê de campanha do candidato, em Goiânia, com a presença da dobradinha Ulysses-Waldir. Dois problemas, porém, em Goiás: as pesquisas dão 50 por cento para Collor. E o ministro Iris Rezende faz "corpo mole" com a candidatura peemedebista.

No Mato Grosso, o governador Carlos Bezerra apóia o candidato do PMDB, recepcionado há dias na cidade de Cáceres.

No vizinho Mato Grosso do Sul, o governador Marcelo Miranda apoiou a candidatura Iris Rezende na convenção, mas agora diz que trabalha para Ulysses Guimarães, juntamente com o senador Wilson Martins. O complicador é a figura do senador Saldanha Derzi, líder do governo Sarney no Senado, que se sente hostilizado pelos "xilitas do PMDB", como ele próprio denomina os partidários de Ulysses no estado.